

Sem negociação, credores vão cortar crédito, ameaça Reed

15 JUL 1990

ESTADO DE SÃO PAULO

**Bancos estrangeiros
precionam para
ter entendimento
paralelo com o do FMI**

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Na semana passada, quando os bancos americanos tiveram, por instrução da Interagency Country Exposure Risk Committee (Icerp), de rebair os créditos brasileiros de médio e longo prazos e contabilizar uma perda de 20%, John Reed, comandante do Citibank, maior credor privado do País, esteve no Brasil e visitou o presidente Fernando Collor. Logo após a audiência, Reed ressaltou, em declarações à imprensa, a disposição dos bancos de negociar com o Brasil e de melhorar a imagem do País no Exterior. As palavras soaram como um voto de confiança no governo e ajudaram a atenuar o significado da reclassificação dos créditos, colocando-a como mera questão técnica. A realidade, porém, é outra.

Independentemente do que porta-vozes do governo e dos credores tenham afirmado em público, a reclassificação tornou a situação mais difícil e ampliou o espaço para o desentendimento.

O que John Reed disse ao presidente Collor, em Brasília, semana passada, foi o oposto do que foi divulgado.

Dois dias depois de tomar um prejuízo de US\$ 650 milhões (20% do risco de médio e longo prazo do Citibank no Brasil), ele procurou convencer o presidente a não esperar para entabular os entendimentos com os credores privados. Em portunhol, aconselhou o governo a negociar paralelamente com os bancos e com o Fundo Monetário Internacional, ressaltando que até o fim do ano os juros em atraso chegarão a perto de US\$ 10 bilhões. Sem uma negociação em andamento, os grandes bancos cortarão sua linhas de crédito de curto prazo ao País, intensificando uma tendência que já era forte mesmo antes da reclassificação. Sem essas linhas, argumentou Reed, o País ficaria pri-

vado de seu principal veículo de financiamento do comércio exterior e se isolaria ainda mais do mundo industrializado.

O aumento dos juros atrasados preocupa o governo americano. Como, no entanto, o presidente do Citibank já disse essas mesmas coisas nos últimos meses, e nada aconteceu, é pouco provável que o governo mude sua estratégia de negociação e passe a cultivar a relação com Reed.

Assim, sob uma falsa impressão de normalidade, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, inicia esta semana sua primeira visita oficial à Europa. Enquanto isso, seu principal assessor, Antônio Kandir, estará em Washington para negociações com o FMI. Uma missão do Fundo deve chegar a Brasília na última semana do mês. Se as conversas fluírem, o acordo poderá estar aprovado em outubro. Mas essa hipótese otimista não leva em conta que as negociações do Fundo com seus países-membros têm a tendência de se complicar e ser atropeladas por fatos políticos.